

REVISÕES DO CÂNONE LITERÁRIO (POESIA): MOMENTOS DECISIVOS (SÉCULOS XVII-XXI) E A QUESTÃO DO REGISTRO HOMOERÓTICO

REVIEWING THE LITERARY CANON (POETRY): DECISIVE MOMENTS (17TH-21ST CENTURIES) AND THE QUESTION OF THE HOMOEROTIC REGISTER

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p5-13>

Horácio Costa¹

RESUMO

O presente ensaio parte do pressuposto que a revisão canônica encetada nas literaturas portuguesa e brasileira pela inclusão da variável da expressão da homoerótica ou da diversidade sexual, que timidamente se insinua nas décadas que vivemos, equivale àqueles momentos decisivos nos quais, ao longo de aproximadamente quatrocentos anos, poetas e críticos (ou comentaristas) de poesia refletiram sobre o transunto da relação poesia-sociedade e história no âmbito das literaturas portuguesa e brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia portuguesa; Poesia brasileira; Ensaio; Crítica.

ABSTRACT

This essay assumes that the canonical review initiated in both Portuguese and Brazilian literature by the inclusion of the variant of homoerotic expression or sexual diversity, which barely insinuate itself in the current decades, is equivalent to those decisive moments in which, over approximately four-hundred years, poets and critics (or commentators) of poetry have thought about the situation of the relationship between poetry-society and history in the context of Brazilian and Portuguese literature.

KEYWORDS

Portuguese poetry; Brazilian poetry; Essay; Criticism.

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

próprio contra uma ameaça externa real. Tal não sucede, entretanto, em contextos menos ameaçados em sua autonomia política ou cultural no processo de “invenção” de um cânone literário em língua vernácula – valha como exemplo a *Querelle des Anciens et des Modernes* na França de Luís XIV. Nesse sentido, o debate propriamente literário-crítico, centrado na discussão sobre a qualidade e engenhosidade dos poetas modernos frente à autoridade da tradição da Antiguidade, que assiste à escritura já em 1549 da *Défense et illustration de la langue française* de Du Bellay (debate europeu esse que, recordemo-nos, tem correspondência em vários pontos d’*Os Lusíadas*; por exemplo I, 3 e V, 22-23),² viu-se diminuído, em Portugal, pela premência de defesa simultânea da tríade patrimônio literário, linguístico e político, e abre um precedente para observar no esforço de estabelecer um cânone algo mais *reativo* que *proativo*. Essa característica *conservadora* dará a tônica do processo de construção canônica em Portugal, e mesmo no Brasil, nos séculos vindouros.

Não fundamentalmente diferente é a situação da crítica no neoclassicismo português *vis-à-vis* à proteção do sistema literário frente aos modismos culturais no limiar de uma nova era histórica, o Romantismo, que viria, como é consabido, alterar as condições de legibilidade do texto poético. As gerações de poetas neoclássicos produziram copiosos textos de preceptiva. Nicolau Tolentino, Correia Garção e Filinto Elísio testemunharam a crise de atração que sobre os mais jovens exercia a cultura clássica em função da mudança da mentalidade no final do Antigo Regime, e a concomitante voga de modismos, principalmente de origem francesa, que invadiu o discurso do texto poético no Portugal de D. Maria I, prenunciando o fenômeno denunciado um século depois pela verve de um Eça de Queirós como “O Francesismo”. O terceiro dos poetas mencionados, Filinto Elísio, tanto por sua longevidade como pelo fato de ter se exilado em Paris e aí vivido por décadas a cavalo entre os sécs. XVIII e XIX, acompanhou passo a passo os

² Se na primeira dessas estrofes, a superação do “arquivo” clássico é declarada (“Cessem do sábio Grego e do Troiano / As navegações grandes que fizeram; / Cale-se de Alexandro e de Trajano / a fama das vitórias que tiveram; / Que eu canto o peito ilustre Lusitano, / A quem Netuno e Marte obedeceram. / Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se alevanta”), nas segundas a primazia da experiência sobre a teoria, e por extensão da atualidade sobre a tradição, patenteia-se: “Vejam agora os sábios na escritura / Que segredos são estes de Natura! // Se os antigos filósofos, que andaram / Tantas terras, por ver segredos delas, / As maravilhas que eu passei, passaram, / A tão diversos ventos dando as velas, / Que grandes escrituras que deixaram! / Que influência de *sinos* e de estrelas! / Que estranhezas, que grandes qualidades! / E tudo sem mentir, puras verdades”).

em *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira* (1989). Comentei sobre essa obra em algumas ocasiões (e.g. COSTA, 1998, p. 93-97), nas quais friso que o preconizado por Haroldo para o entendimento do Barroco na literatura brasileira, em vez das mônadas de *continuidade, exclusão e unidade*, que regeram o *ethos* nacional-formativista, é uma visão do literário, tal a assumida na presente análise, como *serialidade, inclusão e disseminação* (no que, diga-se de passagem, se evidenciam os nexos do pensamento haroldiano com o de Jacques Derrida).

Na linha de pensamento que explorei aqui, a inclusão do Barroco luso-brasileiro, com tudo o que traz de desmontagem das operações canonizadoras, aparece como instrumental para a pluralização de um pensamento capaz de dirigir-se, no século XXI, a questões latentes, mas cuja obnubilação mesma no passado pode ser ressaltada por revisões que tenham por foco a problematização de sua exclusão histórica. Essa é a revisão que está em curso, enquanto tratamos de fazer caber, através de palavras persuasórias – ou mesmo de tratar de enfiar por violência, como pela utilização de um pé-de-cabra – na casa da tradição o registro da palavra homoerótica, sistematicamente olvidado nos esquemas canonizadores, pouco estudado pela academia e menos compreendido pelo respeitável público.

A questão, aqui, não é de coincidência temática, mas de coincidência na exclusão ideológica nas montagens tradicionais do cânone, na quais tanto a poesia e a poética do Barroco, como o registro de comportamento tidos como desviantes, como o homossexual ou sexualmente diverso, foram objeto. Mais uma vez de maneira não surpreendente, muitos poetas homossexuais em Portugal e no Brasil, eu inclusive, encontram no dizer Barroco ou barroquizante, já seja assumido modelarmente ou com rentabilidade textual paródica, mais do que um veio: um apoio natural para a sua expressão poética, na contemporaneidade.

Mas isso é já matéria para outro ensaio.

São Paulo-Lisboa, Dezembro de 2012

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras*

metas: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 231-256.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1989.

COSTA, Horácio. *Mar Abierto – ensayos de literatura brasileña, portuguesa e hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

COSTA, Horácio. “Eclipse, boi que fala, cataclisma”. In: MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antônio (org.). *Enlaçando sexualidades*, v. 2. Salvador: EDUNEB, 2009.

COSTA, Horácio. “O cânone impermeável: Homoerotismo nas poesias brasileira, portuguesa e mexicana do Modernismo”. In: COSTA, Horácio et al (org.). *Retratos do Brasil Homossexual - Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo, EDUSP/IMESP, 2010.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. *A crítica camoniana no século XVII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 1984.

TORRES, Alexandre Pinheiro. *Antologia da poesia portuguesa (séc. XII - séc. XX)*, v. II (séc. XVII-XX). Porto: Lello & Irmão, 1977.

Recebido em 23 de março de 2021

Aprovado em 12 de dezembro de 2021

Horácio Costa

Poeta, tradutor, professor e ensaísta. Professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Contato: horaciocosta23@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7804-8499>

A *Revista Desassossego* utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.